

Rui Rosado Vieira

O Associativismo Alentejano na Cidade de Lisboa no Século XX

Edições Colibri
Casa do Alentejo



Biblioteca Nacional – Catalogação na Publicação

Vieira, Rui Manuel Rosado, 1937-

O associativismo alentejano na cidade de Lisboa no séc. XX. –
(Extra-coleção)

ISBN 972-772-565-1

CDU 061

Título: O Associativismo Alentejano
na Cidade de Lisboa no Séc. XX

Autor: Rui Rosado Vieira

Edição: Edições Colibri / Casa do Alentejo

Ilustração da capa: Pátio Árabe, Casa do Alentejo.
Foto de Jorge Cabral

Capa: Ricardo Moita

Depósito legal n.º 229 921/05

Lisboa, 24 de Setembro de 2005

ÍNDICE

Nota Prévia	9
I – Introdução	15
1. Testemunhos da participação alentejana na emigração e nas mudanças históricas em Portugal	15
1.1. A emigração alentejana	15
a) O Grémio Alentejano de Coimbra (1859-1862)	22
1.2. A participação do Alentejo nas mudanças históricas	22
II – A Liga Alentejana em Lisboa (1912-1913). Um projecto de intervenção na economia alentejana	27
1. Elementos sobre as movimentações sociais no Alentejo	27
1.1. O sindicalismo operário	27
1.2. A Maçonaria e a Carbonária	30
1.3. Projectos de pendor regionalista	32
2. A criação da Liga Alentejana e os seus principais objectivos	35
3. As reuniões, as sessões de propaganda e os activistas	37
4. As motivações dos fundadores e as possíveis razões da extinção da Liga	42
III – O Grémio Alentejano (1922-1932). No Bairro Alto durante o primeiro decénio de vida	49
1. Algumas considerações sobre a época, as diligências e os objectivos que conduziram à fundação do Grémio	49
1.1. Algumas considerações sobre a época	49
a) O 1.º Congresso Municipalista Alentejano em Évora, em 1915	50
b) O Congresso Distrital Alentejano de Portalegre, em 1921	52

1.2. As diligências e os objectivos que conduziram à fundação do Grémio	53
2. As sucessivas sedes, o crescimento do número de associados e as dificuldades financeiras	56
2.1. As sucessivas sedes	56
2.2. O crescimento do número de associados	61
2.3. As dificuldades financeiras	63
3. A natureza das actividades desenvolvidas	64
3.1. A acção nas áreas recreativa e cultural	65
a) As origens da biblioteca	69
b) O apoio à promoção do ensino	71
3.2. A participação em iniciativas de carácter regionalista	73
3.3. A defesa dos interesses do Alentejo	76
IV – O Grémio Alentejano/Casa do Alentejo.	
Uma associação revigorada, com sede em luxuoso palacete na “Baixa” lisboeta (1932-1979)	81
<i>A denominação social</i>	81
1. O “Palácio de São Luís”	82
1.1. Do subarrendamento ao arrendamento	82
1.2. A importância da rua e a antiguidade do edifício	86
a) A importância da rua	86
b) A antiguidade do edifício	90
1.3. Obras de adaptação e manutenção	92
1.4. Tentativas de aquisição do imóvel	99
2. A massa associativa, a capacidade financeira, a organização interna, os projectos e as realizações destinadas à fruição dos associados	100
2.1. A massa associativa e a capacidade financeira	102
a) A massa associativa	102
<i>A composição socioprofissional dos associados residentes em Lisboa, em 1933</i>	103
b) A capacidade financeira	109
2.2. Os órgãos sociais e o funcionamento interno	110
a) Os órgãos sociais	110
b) O funcionamento interno	113

2.3.	As actividades lúdico-desportivas e de diversão	116
	a) A ginástica	116
	b) Os bilhares	117
	c) Os jogos de azar	118
	d) Os bailes e as festas	121
2.4.	Os serviços de carácter permanente	124
	a) O restaurante	124
	b) Os banhos e a barbearia	126
	c) A cedência de instalações a outras entidades	127
2.5.	A prestação de cuidados de saúde	132
	a) O “Posto Clínico”	132
	b) A “Casa de Saúde”, um projecto frustrado	135
	<i>A realização de sorteios</i>	137
2.6.	A assistência a alentejanos pobres	140
	a) Um programa de emergência para crianças alentejanas	143
2.7.	A “Escola Primária”	145
2.8.	As iniciativas de natureza cultural	153
	a) As exposições	153
	b) As conferências	155
	c) As actividades musicais	156
	<i>O orfeão</i>	156
	<i>O grupo coral</i>	158
	<i>Outras acções na área da música</i>	160
	d) A abertura da biblioteca	161
	e) O apoio a outras manifestações culturais e à educação	163
2.9.	A propaganda e a imprensa da agremiação	165
	a) A propaganda	165
	<i>A importância dos meios radiofónicos</i>	167
	b) A imprensa da agremiação	169
3.	A difusão do associativismo regionalista alentejano em Portugal e em outros espaços geográficos	176
3.1.	As tentativas de instituir novas associações regionalistas alentejanas em Portugal	176
	a) A “Casa do Alentejo do Porto”	177
	b) A “Casa do Alentejo de Coimbra”	178
	c) A “Casa do Alentejo de Faro”	179
	d) A “Delegação da Casa do Alentejo em Torres Vedras”	181
	e) A criação de “casas regionais concelhias” em Lisboa	181

3.2. A fundação de associações regionalistas alentejanas em outros espaços geográficos	182
a) A “Casa do Alentejo de Lourenço Marques”	184
b) A “Casa do Alentejo de Luanda”	185
c) A “Casa do Alentejo de Nova Lisboa”	186
4. A evolução do projecto regionalista	187
4.1. O discurso	187
4.2. A ausência de reconhecimento oficial	190
4.3. A “Instituição de Utilidade Pública”	192
5. O envolvimento da agremiação alentejana na solução dos problemas da sua província	194
5.1. As “crises” no Alentejo	195
5.2. Os Congressos da Imprensa Alentejana e do Alentejo	199
a) A realização de Congressos da Imprensa Alentejana	199
<i>O “I Congresso da Imprensa Alentejana”, em 1932</i>	199
<i>O “II Congresso da Imprensa Alentejana”, em 1933</i>	200
b) As tentativas de realização do Congresso do Alentejo	204
6. A posição da agremiação alentejana face a certos temas da vida política nacional e as relações com o regime do “Estado Novo”	211
6.1. O colonialismo português	211
6.2. A reivindicação de Olivença	214
6.3. As relações com o regime do “Estado Novo”	220
7. As tensões no interior da Casa do Alentejo, de Abril de 1974 a Dezembro de 1979	231
Ilustrações	239
V – Conclusões	241
Fontes e bibliografia	245
Índice onomástico e toponímico	255